



BATALHÃO DE CAÇADORES 3843

CCS - CCAÇ 3355 - CCAÇ 3356 - CCAÇ 3357

"MAIS E MELHOR"



As Emboscadas...

Estava no quartel quando de repente se ouve bem perto de nós, pelo menos era essa a sensação, muito barulho de tiros e morteiros. De imediato corremos para o rádio na tentativa de saber o que se estava a passar. O pelotão que tinha ido escoltar uma coluna a Chicóa estava a ser atacado já no regresso e havia baixas. De imediato se formou um grupo de socorro que partiu para o local. De facto a situação não podia ser mais grave. Alguns feridos, o Capitão da Companhia, que estava connosco no quartel, ferido com gravidade, era uma situação desoladora. Os pedidos de evacuação já tinham sido emitidos e os helis fizeram tudo com bastante rapidez.



O Comandante da ZOT – Zona Operacional de Tete –, esteve presente no local e acompanhou as evacuações, conjuntamente com os nossos comandantes, Figueiredo e Vicente.



As DO's faziam também trabalho de evacuação de feridos.



Todos colaboravam na evacuação dos feridos.



A emboscada tinha sido bem montada. O alvo tinha sido assinalado e a bazucada fatal não falhou. Tudo foi muito rápido. Podia ter sido muito pior não fosse a rápida percepção do condutor da Berliet, ao ouvir um tiro de pistola a assinalar o início da acção atacante. Este travou de imediato e atirou-se para o lado gritando que era ataque. A pouca experiência dos demais talvez tivesse sido a causadora dos feridos havidos. Podemos ver pela foto o estrago causado na viatura. O Capitão estava sentado na mesma posição que o soldado mostra e em vez de se atirar logo para aquele lado, foi levado pelo instinto e atirou-se para o mesmo lado do condutor, perdendo daquela forma uns segundos preciosos para se salvar. Infelizmente veio a falecer com hemorragias internas. Este camarada tinha pedido a transferência da Guiné para Moçambique porque a guerra na Guiné era muito severa e ali, pensava ele, a situação era mais calma.

Chegou-me a seguinte imagem acompanhada da carta que a seguir transcrevo na íntegra, do nosso camarada José Abílio Mourato, que fazia parte da C.CAÇ. 4241 que esteve connosco em Chipera.



Caro Companheiro Pessa:

Como a Internet é boa!!!

Recebi o teu mail (*permite-me tratar-te por tu*) e o endereço do blogue do B.CAÇ 3843.

Estive na Chipera entre 1972 e 1974. Fazia parte da C.CAÇ 4241.

Esta companhia não pertencia a nenhum batalhão, era independente, dependendo operacionalmente da CCS do B.CAÇ 3843, onde tu estavas. Eu era o cabo escriturário, havia só um e esse um, era eu. Pelos vistos estivemos juntos na Chipera, pelo menos 2 meses, até que vocês rodaram para a Zambézia, em Outubro de 1972. Hoje quando abri o teu mail e fui ao blogue, chorei à frente do computador como uma Maria Madalena. E explico porquê.

Nós chegámos a Chipera em 9 de Agosto de 1972. Era já noite e eu nunca mais esqueço um camarada teu a perguntar pelo “*checa*” escriturário. Os das transmissões perguntavam pelos “*checas*” das transmissões, os da “*ferrugem*” pelos seus similares e assim por diante. Depois do fartanço das primeiras rações de combate, com salsichas intragáveis made South Africa, desde a Beira até Chipera, com paragem em Moatize e Estima, confesso que a sopa quentinha e o banho que os colegas escribas da CCS proporcionaram ao *checa* escriturário acabado de chegar, foi dos maiores confortos que me aconteceram. Também tinham cama para mim, nessa noite, na camarata deles.

No outro dia começámos a arrumar a tenda, até nos integrarmos no espírito da Chipera que incluía umas “*visitas*” à Isaura no aldeamento. Nunca me arrisquei a isso, por precaução.

O nosso capitão, Celestino da Cunha, miliciano, já quase formado em medicina, era muito meu amigo. Ele também beneficiava em ter um sargento “*xico*” com quem se desse bem e um bom escriturário, para administrar a logística e desde que formámos a companhia, em Abrantes, mostrou logo simpatia pela dedicação que eu tinha na arrumação da papelada. Quando chegámos à Beira, formou a companhia e disse: “*chegámos à guerra e a partir de agora, juizinho para voltarmos todos à Metrópole*”. Mal sabia o que lhe estava para acontecer.

No dia 24 de Agosto de 1972, tinha-me dito: “*Ó Mourato, tens que falar com os mainatos para te ajudarem a colocar uma protecção nas entradas do telhado de zinco da secretaria, porque quando há os remoinhos de vento, o pó é mato em cima dos papéis, que nem consigo assinar*”.

No outro dia, logo de manhã, as transmissões recebem uma mensagem vinda da Chiboeia, dando conta de um violento ataque por volta da meia-noite, ao pelotão da nossa companhia que lá estava aquartelado. Afinal tinha-se concretizado aquilo que já estávamos à espera e que se tinha institucionalizado na estratégia de combate na Frelimo, o chamado “*Baptismo de fogo*”, normalmente com grande intensidade às companhias *checas* acabadas de chegar. O ataque foi feroz, arderam as instalações, quase todas feitas de capim, os frigoríficos a petróleo, uma metralhadora, destruída, etc., tendo ficado feridos 4 elementos, 2 dos quais em estado muito grave. O enfermeiro esteve toda a noite com os feridos mais graves tentando estancar as hemorragias na cara de um que ficou cego de uma vista. Os rádios ficaram sem funcionar e só de manhã é que nos comunicaram o acontecido, servindo-se de um rádio da milícia do aldeamento.

Organizou-se logo uma coluna de auxílio ao pelotão da Chiboeia, comandada pelo nosso capitão Cunha. Ainda parece que estou a ouvir o Major Figueiredo com o seu vozeirão e a sua experiência já de muitos meses de Chipera, dizer para o capitão: “*Cuidado que eles atacaram o destacamento e agora sabendo que vão lá, têm minas na picada*”. A coluna de auxílio lá foi progredindo lentamente com os detectores de metais, mas minas não havia. Havia sim outra coisa bem pior: os guerrilheiros da Frelimo, vindos de outras áreas, seleccionados entre os melhores, para o célebre *Baptismo de fogo* dos *checas* acabados de chegar, com apenas 15 dias de mato, fizeram o ataque ao destacamento à meia-noite e permaneceram emboscados por ali até às 11 horas da manhã do dia seguinte, à espera da coluna de apoio.

Já próximo, apenas a cerca de 3 Kms da Chiboeia, com a coluna sobre a mira, fizeram um ataque brutal, atingindo alguns elementos e em cheio o capitão Cunha, que ficou com a perna esfacelada e separada em dois bocados a esvaír-se em sangue. Contou-me o enfermeiro Lourinho, que foi quem o assistiu até à vinda do helicóptero, que ele, conhecedor, pois era médico, lhe pedia para lhe dar a morfina que tivesse em seu poder para lhe aliviar as dores. Nós, os "aramistas", seguíamos com ansiedade o que se estava a passar naquela maldita picada. O homem do rádio na picada, a tremer de medo, dizia cá para o posto, atabalhoadamente, para o major Figueiredo: "Fomos atacados na picada, há não sei quantos feridos, o nosso capitão é o que está pior." O major em altos berros dizia-lhe: "Ó pá levanta-te que o fogo já passou e diz-me quantos feridos e mortos há, para eu saber quantos helicópteros hei-de pedir para a Estima."

Passado umas horas, chega o séquito dos helicópteros para a evacuação na picada e também um da "psico" a sobrevoar o aldeamento da Chipera, fazendo a propaganda do costume, para a população se manter calma, porque estávamos ali para manter a paz e não para fazer a guerra.

Depois da evacuação dos feridos para Tete, ficámos ansiosos esperando notícias do capitão. Ao sol-posto, o Sargento Raposo, vinha cabisbaixo, do posto das transmissões, com uma mensagem, dando a triste notícia: "o nosso capitão morreu, não resistiu às hemorragias internas".

Esse malfadado dia 25 de Agosto de 1972, nunca mais o esqueci, assim como não esqueci as palavras que o enfermeiro Lourinho ouviu quando estava na picada com o capitão, em agonia, à espera da evacuação. Guardei sempre essa imagem como se a estivesse a ver. Já a contei dezenas de vezes.

Hoje quando fui ao blogue e vi em fotografia a perna do capitão separada em duas, preenchendo o imaginário que sempre tivera, apenas por ouvir contar, chorei sozinho em frente ao monitor. É um documento que vou guardar e pelo qual te felicito o teres eleito para colocação na opção "EMBOSCADAS". Não fazia ideia poder haver registo de tamanha tragédia. Já mandei para alguns companheiros da C.CAÇ 4241.

Bem hajas pelo excelente trabalho que tiveste em redor do blogue.

[Publicada por \[Victor Pessa, veterano da CCS do\] Batalhão de Caçadores 3843](#)

2 comentários:



Anónimo

8 de Novembro de 2011 às 18:36

Sou familiar directo de um filho da terra do Dr. José Abílio Mourato que teve também a gentileza de me enviar este e-mail. Nem ele sonha que eu também chorei ao ler e ver as imagens deste acontecimento terrível. Na minha cabeça também passaram imagens que devem ter sido bem semelhantes, senão piores, do acidente que levou a minha família ao luto doloroso e que até hoje não conseguimos esquecer... a morte do meu irmão, que tinha apenas 21 anos e que morreu em circunstâncias trágicas em Angola, passados que eram apenas 2 meses de missão. O rebentamento de granadas que traziam no jipe, depois de terem sobrevivido a um ataque desses que é descrito pelo meu amigo Mourato, desfez em pedaços o corpo do Ricardo, meu irmão. Era paraquedista e morreu desta maneira por tentar cobrir, com o seu próprio corpo as granadas que, não fora esse acto heróico, matariam com toda a certeza todos os amigos que com ele vinham na viatura. Foi o 1º Portalegrense a morrer no ultramar, e como foi frio o telegrama que recebemos a anunciar a sua perda. Passaram anos até se conseguir trazer os seus restos mortais, para a terra que o viu nascer. BEM HAJAM por me terem dado a oportunidade de deitar cá para fora, a raiva que ficou dentro de mim e dos meus familiares. "PAZ ÀS SUAS ALMAS"



Anónimo

9 de Novembro de 2011 às 05:56

Caros Companheiros, não consigo dizer muito, porque não sou ainda hoje suficientemente forte para «comentar» o que passou com todos nós, que ali estivemos, a poucos quilómetros uns dos outros, com uma única finalidade e por muitas razões. Mas, como homem do meu tempo, lamento em cada camarada morto ou ferido (mesmo na alma, ou especialmente aí), a morte interior de cada um de nós, pelo que me envolvo na dor dos familiares e desejo que um futuro diferente ilumine a vida dos nossos filhos. Parabéns pelo trabalho apresentado. É uma forma de matarmos a dor e estimularmos as nossas saudades. Grande abraço. Barra da Costa. BCAÇ4810-CCS. Chipera 1972-74.